



## Transição agroecológica e as estratégias de cooperação entre agricultores e consumidores

*Agroecological transition and cooperation strategies between farmers and consumers*

TOFANELLI, Vivian<sup>1</sup>; VARELLA, Cinthia<sup>2</sup>; VALLE, William<sup>3</sup>; SOUZA, Marcelo<sup>4</sup>; CAMPOS, Larissa<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Minas Gerais, [vivian.tofanelli@gmail.com](mailto:vivian.tofanelli@gmail.com); <sup>2</sup> Universidade Federal de Ouro Preto, [cinthiaversiani@ufop.edu.br](mailto:cinthiaversiani@ufop.edu.br); <sup>3</sup>Atemis Brasil, [williamazalim@gmail.com](mailto:williamazalim@gmail.com); <sup>4</sup>Universidade Federal de Minas Gerais, [marceloas@ufmg.br](mailto:marceloas@ufmg.br); <sup>5</sup>Universidade Federal de Viçosa- Campus Rio Paranaíba; [larissa.sousa@ufv.br](mailto:larissa.sousa@ufv.br)

### RESUMO EXPANDIDO

#### Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

**Resumo:** Uma grande dificuldade que se interpõe no avanço da transição agroecológica é o escoamento dos produtos advindos dessas produções. Este é o objeto de uma pesquisa conduzida junto a uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), que visa auxiliar na sua efetividade, qualidade e pertinência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza a metodologia de estudo de caso e que, ademais da produção de conhecimento, visa agir sobre o objeto de pesquisa, configurando-se como uma pesquisa-ação. Por meio da análise de três categorias centrais durante um momento de crise, pudemos auxiliar com o diagnóstico dos problemas, soluções emergentes e possíveis melhorias. Conclui-se que o desenvolvimento de formas de cooperação é um elemento central para a construção de economias alternativas fundamentadas na agroecologia, ao qual pretendemos contribuir através do aporte dos conceitos operacionais da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC).

**Palavras-chave:** agroecologia urbana; comunidade que sustenta a agricultura; economia da funcionalidade e da cooperação; logística de comercialização

#### Introdução

A forma como se estruturou as cadeias produtivas alimentares no Brasil, desde a Revolução dita verde, na década de 1970, favorece o agronegócio exportador e o mercado de *commodities*, dos insumos químicos, das sementes 'melhoradas geneticamente' e das tecnologias, conformando os fluxos financeiros e de matéria. Os saberes tradicionais, negligenciados nessa história, se reafirmam no contexto contemporâneo, bem como a agroecologia como alternativa a esse modelo e como forma de resistência à concentração fundiária e a monocultura intensiva. Neste cenário as experiências como o caso apresentado neste trabalho, contribuem para o fortalecimento de pequenos produtores que se interessam pela transformação do seu modo de produzir, consumir e comercializar.

Contudo, uma dificuldade que se interpõe ao avanço da transição agroecológica é o escoamento dos produtos advindos desses pequenos produtores, problema sobre o



qual nos debruçamos. Vários atores sociais têm buscado por novas práticas de comercialização dos produtos e de reorganização dos circuitos agroalimentares. As Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) são exemplos, que têm como perspectiva fomentar o contato direto entre produtores e consumidores, como modo de escapar aos intermediários das cadeias convencionais de distribuição agroalimentar. A proposta desse sistema é construir uma relação de coprodução entre produtores e consumidores, favorecendo melhores condições de acesso aos produtos e compartilhando os riscos, as dificuldades e os benefícios da produção, pois os beneficiários se tornam financiadores do projeto, ademais de consumidores dos produtos agrícolas (JUNQUEIRA; MORETTI, 2018).

Dito isso, a análise esteve centrada nos resultados e efeitos da organização de uma CSA na Região Metropolitana de Belo Horizonte - em especial, sobre os desafios de logística e distribuição, de capacidade produtiva e de organização da produção. O que pretendemos demonstrar é que o desenvolvimento dessas experiências depende da diversificação e da efetivação de novas formas de cooperação, cujos desafios passam pela (i) necessidade de pensar as condições de acesso aos serviços, (ii) pela ausência de recursos financeiros e técnicos e (iii) pela dificuldade de organizar uma produção que depende de formas voluntárias de engajamento.

## **Metodologia**

O trabalho apresentado é um estudo de caso, metodologia comumente utilizada nas pesquisas qualitativas, na qual se procura compreender um fenômeno social. Por meio da análise de um caso singular procura-se compreender as mais complexas relações sociais em que esse caso está circunscrito (LAPLATINE, 1988 [1943]). Se compartilhamos com antropólogos e etnólogos esses princípios metodológicos, que ao longo da sua longa história contribuíram na produção de conhecimentos sobre o homem, nós, do campo da ergonomia e das ciências sociais aplicadas, queremos, ademais da produção do conhecimento, agir sobre o objeto de pesquisa, transformando a realidade social. Por isso, esta pesquisa pertence, também, ao campo da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), da pesquisa participante (BRANDÃO, 1984) e da pesquisa-ação participante (FALS BORDA, 1999), que tem como característica comum o fato de ser conduzida em simultâneo ao desenvolvimento de intervenções sobre a realidade pesquisada, de forma participativa.

A pesquisa-ação foi desenvolvida junto à uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), chamada CSA Ora-pro-nóbis, que iniciou suas atividades em 2014. “Logística de distribuição”, “capacidade produtiva” e “estrutura organizativa” foram derivadas como categorias centrais de análise da experiência, que descrevemos e analisamos na próxima seção.

## **Resultados e Discussão**

A experiência investigada teve seu início com a fundação do coletivo Agroecologia na Periferia, a partir do encontro de seus integrantes com moradores de ocupações



urbanas que reproduziam formas tradicionais da agricultura em seus quintais. Assim, iniciou-se um trabalho de fomento à transição agroecológica nos espaços de produção agrícola nas periferias urbanas, sendo realizadas oficinas, mutirões e trocas de saberes para compartilhamento de técnicas agroecológicas. A partir de 2018, concentrou-se na construção de estratégias de comercialização, sendo uma delas a implementação de um grupo piloto de cestas de consumo com cinco famílias consumidoras de Belo Horizonte, uma unidade produtiva da Ocupação Tomás Balduino de Ribeirão das Neves - MG e um ponto de distribuição em Belo Horizonte, na estruturação da denominada CSA Ora-pro-nóbis. Passados alguns meses, eram 29 famílias consumidoras urbanas, duas famílias agricultoras urbanas de base agroecológica e dois pontos de distribuição das cestas. Essa ampliação do sistema trouxe vários desafios.

Quanto à logística de distribuição, a ampliação do grupo acarretou em algumas dificuldades. Até então, o transporte das cestas agroecológicas era realizado de ônibus por um dos produtores, o que se tornou inviável, dados o volume e o peso a serem carregados. Além disso, houve a necessidade de estruturar um espaço maior no ponto de distribuição, até então localizado na casa de uma das consumidoras, para onde os outros se deslocavam para retirar suas cestas. Essa cessão voluntária do espaço, em Belo Horizonte, se demonstrava inadequada para receber e armazenar a quantidade crescente de cestas comercializadas. O resultado foi que em um ano de CSA, alterou-se três vezes o ponto de distribuição, o que foi prejudicial para a estabilidade do sistema, pois a desestruturação do arranjo instituído acarretava na saída de alguns consumidores. Alguns consumidores tiveram suas rotas alteradas devido a mudanças no local de trabalho ou de residência, inviabilizando o trajeto necessário até a distribuição; outra consumidora começou a trabalhar a noite e não conseguia chegar no horário combinado.

Essa sincronização geográfica e temporal necessária entre produtores e consumidores para entrega e retirada da cesta é essencial na coprodução. Era notável o esforço de cooperação tanto transversal, isto é, “a cooperação entre os prestadores de serviço e os beneficiários deste” (DU TERTRE, 2013, p. 12) para pensar as condições de acessibilidade, quanto a cooperação horizontal, definida por Christophe Dejours (2012), como a cooperação entre pares (no caso, os consumidores). Por exemplo, alguns que moram próximo e tinham dificuldade de retirar a cesta semanalmente, organizavam-se para revezar nessa atividade. Essa adaptação favorece a efetividade do sistema, ao tratar as dificuldades de forma mais focalizada, sem promover alterações no funcionamento geral.

Outro desafio do sistema era relativo a sua capacidade produtiva, em (i) uma dimensão quantitativa, ou seja, do volume de produção, que aparece quando novos consumidores surgem e um limite de cestas deve ser estabelecido; mas principalmente em (ii) uma dimensão qualitativa, no que diz respeito à diversidade dos produtos. Na época as cestas eram compostas apenas por folhosas e os consumidores tinham dificuldade de inseri-las em sua dieta alimentar, assim havia uma demanda recorrente por legumes e frutas, pois os mesmos têm uma maior



durabilidade e são consumidos mais cotidianamente. Por outro lado, os agricultores, ao tentar ampliar essa diversidade, encontravam adversidades, devido aos custos, ao tempo e ao manejo que são distintos; assim como a escassez de terra e de recursos financeiros para investimento. Ou seja, tem-se aqui um duplo processo de adequação em curso, do modo de produção e do modo de consumo.

Para o desenvolvimento de soluções para a capacidade produtiva, como, também, das questões de acessibilidade e estrutura logística, esbarramos na terceira dimensão, da estrutura organizativa. A ampliação do número dos participantes parece tornar inviável uma gestão que depende, por um lado, do “heroísmo” de alguns poucos que assumem voluntariamente tarefas invisíveis e essenciais; e, por outro, de reuniões em que todos os envolvidos devam estar presentes para aprofundamento e tratamento de cada demanda que surge. Diante desses desafios, foi decidida, pelos integrantes da CSA, a criação do Núcleo Gestor, como uma estrutura de governança compartilhada que congrega representantes de cada unidade produtiva, de cada grupo de consumidores e colaboradores externos.

A criação dessa nova instância possibilitou melhorias, principalmente, no que diz respeito à celeridade para acolher demandas, refletir, construir soluções e tomar decisões. Porém, ainda é frágil no que tange à execução e operacionalização delas, como, por exemplo, diante da inclusão de dois novos coletivos de produtores, o que, por consequência, demanda a ampliação de grupos de consumidores e um trabalho de comunicação, de abertura e ativação de novos pontos de distribuição etc. A reunião dos integrantes do Núcleo Gestor permitia construir melhor os problemas do que deveria ser feito, porém a construção da solução e sua execução dependia de uma enorme quantidade de trabalho voluntário, que além de ser difícil de mobilizar, retarda a execução dessas atividades.

Sair de um estatuto experimental para outro de estrutura mais consistente e profissionalizada, dada a instabilidade das condições atuais, na busca por uma maior efetividade na prestação do serviço - parecia ser a questão enfrentada por esse sistema. Como avançar na estrutura organizativa, adequando-a à necessidade de profissionalização no tratamento das demandas intrínsecas ao funcionamento do sistema? Como fazê-lo sem incorrer no risco de repetir as formas tradicionais de serviço unilateral, ou seja, aquele produzido pelo prestador para o beneficiário, ao invés de um serviço baseado na coprodução e cooperação?

## **Conclusões**

Neste trabalho, apresentamos a estratégia da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) como uma das formas que vem sendo derivadas no movimento por modos de produção e consumo agrícolas contra-hegemônicos para buscar viabilizar econômica e financeiramente as experiências produtivas, frente aos inúmeros desafios colocados. Mais especificamente, descrevemos a experiência da CSA Ora-Pro-Nóbis, localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, e



analisamos seus resultados a partir de três categorias centrais: “logística de distribuição”, “capacidade produtiva” e “estrutura organizativa”.

A criação das cestas de consumo como forma de comercialização proporcionou uma série de transformações na organização da produção das famílias agricultoras, que favoreceram seu processo de transição agroecológica. No entanto, para prover melhores condições de acesso a esse serviço, os agricultores, pesquisadores-assessores e consumidores se veem frente ao desafio de desenvolver formas de cooperação, que, por sua vez, implicam na necessidade de desenvolver a reflexividade no projeto, capaz de alterar os engajamentos e estruturas em curso.

Como pode ser visto para a construção dessa dinâmica de coprodução, deve se atribuir, como afirma Du Tertre (2013), um lugar estratégico à cooperação transversal. Sendo as condições de acessibilidade elemento central, pois é necessária a sincronização entre prestador e beneficiário. Essas, por sua vez, não são limitadas apenas pelo poder de compra e oferta do produto, mas também por uma série de outras condições, tais como: i) temporais (sincronização temporal para as entregas e disponibilidade para o exercício dessa tarefa logística); ii) geográficas (a construção das rotas logísticas, suas distâncias, tempo de deslocamento e custo); iii) sociotécnicas (as técnicas e equipamentos de limpeza, conservação e armazenamento; as competências para desenvolver a capacidade produtiva e outras atividades intrínsecas ao funcionamento do sistema); e, iv) culturais (modos de consumo alimentar e uso dos produtos e a mudança de lugar social ao deixar de ser funcionário ou sobreviver de “bicos” e passar a ser o “dono do próprio negócio”).

A cooperação entre prestador e beneficiário não se resume à articulação coletiva de suas respectivas atividades práticas. Se a cooperação é traduzida, materialmente, a partir das atividades práticas dos que cooperam, a subjetividade, como nos diz Clot (2006), “é uma atividade [do pensamento] sobre as atividades”. O fato de um dos grupos da CSA não ter o hábito de compartilhar reflexões entre produtores e consumidores em reuniões, por exemplo, possui um impacto direto na consolidação do grupo e na rotatividade dos consumidores. Sendo assim, a atividade de reflexão sobre a dinâmica de cooperação pode permitir uma maior visibilidade ao trabalho do outro e, dessa maneira, contribuir para que se encontre novas formas de cooperação e estabilização da relação, mediante um delineamento das atividades de cada ator e dos acordos coletivos. Ou seja, para concluir, acreditamos que pela via da subjetividade é possível a afirmação da singularidade perante o coletivo, bem como sua abertura para ser contaminada pelo mesmo, configurando um processo de produção cotidiana no trabalho de ressingularização e renormatização, necessários à coprodução.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de. **Isto e Aquilo: agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2016. 438 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.



BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte, Fabrefactum Editora, 2010.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho Vivo Tomo II: Trabalho e emancipação**. Paris, Paralelo 15, 2012.

DU TERTRE, Christian. Economia servicial e trabalho. **Trabalho & Educação**. (no prelo) (Trad. de Économie servicielle et travail: contribution théorique au développement «d'une économie de la coopération». **Travailler**, v. 29, n. 1, p. 29-64, 2013.)

FALS BORDA, Orlando. Orígenes universales y retos actuales de la IAP. **Peripecias**, n. 110, p. 1-14, 2008 [1999].

JUNQUEIRA, Antonio Hélio e Sérgio Luiz do Amaral Moretti. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 517-538, 2018.

LAPLATINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, Cortez, 1986.